

Ensaio sobre o futuro e a (des) montagem da Cidade

Daniel de Souza Leão Vieira - Professor Adjunto

Departamento de Antropologia e Museologia, Universidade Federal de Pernambuco

Palavras-chave: Cidade; Globalização; Cultura Política; Musealização; Monumentalização

RESUMO

Esta comunicação constitui uma reflexão teórica sobre o conceito de Cidade a partir do debate sobre Globalização e Cultura. Ao deslocar o modo de endereçar a questão, deixando para trás a categoria “Cidade Global” para poder chegar ao debate sobre a globalização da Cidade, o objetivo foi entender a Cidade não apenas como objeto empírico, mas também como produzido culturalmente a partir de sua constituição política.

Keywords: City; Globalization; Political Culture; Musealization; Monumentalization

ABSTRACT

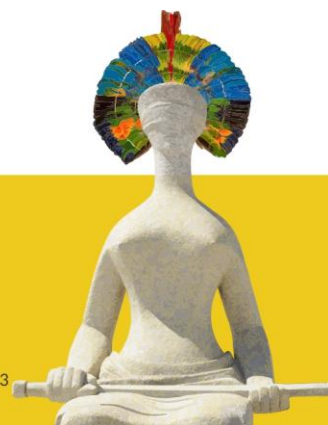
This paper constitutes a theoretical reflection about the concept of City from the pointview of the debate about Globalization and Culture. Deslocating the way of addressing the question, and leaving behind the category of “Global City” in order to debate about the globalization of City, the aim was to understand the City not only as empirical subject, but also as culturally created from its political constitution.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



“[Kublai Khan] disse:

- É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.

E Polo:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.”

(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, 1990, p. 150)

I. INTRODUÇÃO

Esta comunicação constitui uma reflexão teórica sobre o conceito de Cidade a partir do debate sobre Globalização e Cultura. Ao deslocar o modo de endereçar a questão, deixando para trás a categoria “Cidade Global” para poder chegar ao debate sobre a globalização da Cidade, o objetivo foi entender a Cidade não apenas como objeto empírico, mas também como produzido culturalmente a partir de sua constituição política.

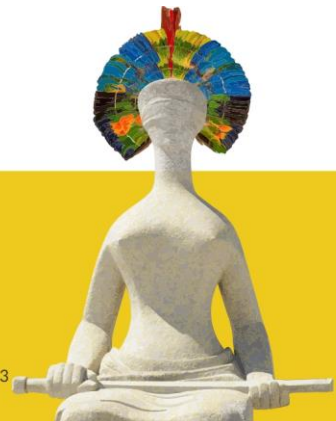
A categoria Cidade se dilui no quadro das análises de uma sociologia da globalização, tal como na feita por Saskia Sassen. Sem problematizar as categorias “sítio”, “espaço”, “lugar” e mesmo “cidade”, tais análises terminaram por produzir o efeito discursivo de naturalização do conceito de

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Cidade por determinados projetos globalistas no contexto político do pós-guerra fria. É óbvio, portanto, que também a noção de “Global” se torna lacunar e precisa ser desnudada de sua pretensa imparcialidade, uma vez que a noção rizomárica de rede atende ao aspecto denotativo relativo aos processos de trocas econômicas, mas não à dimensão conotativa de projeto político implícito.

O primeiro passo nesta empreitada é fazer a consideração da Cidade como objeto empírico atravessado por fenômenos sociais como Globalização e Cultura. Para tanto, examinarei o estudo sobre a Cidade Global, feito por Saskia Sassen (1991), para em seguida, apontar possíveis caminhos para a ampliação desse debate.

II. Da “Cidade Global” ao Desmonte Globalista da Cidade

Que é, para Saskia Sassen, a Cidade Global?

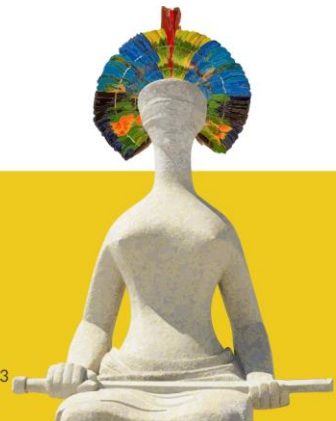
No início dos anos 1970 a crise do petróleo terminara por levar à crise todo o edifício econômico da ordem mundial construído no pós-guerra, o chamado sistema de Bretton-Woods. Nele, ficara estabelecido que o dólar estadunidense serviria de baliza monetária para a relação entre as várias moedas nacionais (das principais economias ocidentais, claro) e as suas respectivas reservas de ouro. A crise dos anos 1970 levou ao abandono da referência do dólar ao ouro. Dessa forma, o valor do dólar não seria mais uma função das reservas de ouro acumuladas, mas da relação que se estabeleceu quando da obrigação de se fazer as transações financeiras em torno da compra e venda de petróleo exclusivamente através da moeda estadunidense. Isso fez com que fosse a demanda pela moeda que passasse a lastrear o próprio valor do dólar. Esse salto qualitativo no processo de abstração do valor monetário caracterizou o que hoje chamamos de capital financeiro (Jameson, 1998). Não que esse tipo de fenômeno já não existisse na vida econômica; mas, antes, tratou-se da emergência do primado e da centralidade desse tipo de sistema financeiro na organização daquela,

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



superando e controlando mesmo o próprio setor produtivo (Chomsky, 2017). Nesse sentido, foi através dessa nova ordem mundial emergente que, segundo Saskia Sassen (1991, p. 3), às cidades foram reservadas um novo papel.

Sua tese central resume-se à ideia de que à nova ordem mundial, dominada pelo sistema financeiro, corresponde um novo tipo de cidade, a Cidade Global. Essa tese se rebate nos dois aspectos clássicos da Cidade: tanto em sua dimensão de *civita* quanto na de *urbs*. Ou seja, naquelas acepções que o urbanista Ebenezer Howard reinventara de modo mais prosaico através das metáforas do ímã e da cuia (Mumford, 1998, p. 92).

Em seu primeiro aspecto, o que se vê é uma análise sociológica da reestruturação das cidades para dar conta das novas demandas do capital financeiro. Assim, para Sassen (idem, pp. 3-4), a Cidade Global: 1) se tornou o ponto de comando concentrado da economia mundial; 2) a localidade chave para firmas de finanças e de serviços especializados; 3) o sítio de produção de inovação; e 4) o mercado [consumidor] para esses mesmos novos produtos de inovação.

Como essas reestruturações só puderam acontecer graças ao desenvolvimento das tecnologias de informação, em princípio se pensou que essa descentralização dos fluxos de informação e de capital levariam ao fim da Cidade, uma vez que desmagnetizaria a cuia, para retomar as metáforas... Mas é aqui que a tese de Sassen se desdobra em um segundo aspecto, o da análise da forma urbana. Para ela, apesar da tendência descentralizante da economia financeira global, houve a manutenção da necessidade de concentração nodal de decisões e de recursos humanos nos sítios das cidades, ou antes, de algumas cidades, que, dessa maneira, se alçaram à categoria de Cidade Global.

Assim, enquanto cidades como Detróit, sítio industrial de uma economia predominantemente produtiva, decaíram, cidades como Nova Iorque se reestruturaram. Na Inglaterra, se viu o mesmo caso em relação à decadência da industrial Manchester e a (re) emergência da financista Londres. No



japão se passou o mesmo entre Osaca e Tóquio. Em sua própria síntese, Sassen (Idem, p. 12) afirma que:

“a dispersão geográfica das manufaturas, que contribuiu para o declínio dos antigos centros industriais, criou uma demanda por centralização expandida de gerenciamento e planejamento, bem como seus serviços especializados.”

Portanto, a esse novo tipo de cidade que é a Cidade Global deve corresponder uma nova forma urbana. Para Sassen (Idem, p. 330), essa nova forma espacial se caracteriza por dois pontos: 1) um adensamento do centro urbano, inclusive pela criação de áreas contíguas novas (como no caso dos aterros da Baía de Tóquio) e/ou pela requalificação de áreas contíguas já existentes (como no exemplo do Canary Wharf, em Londres); e 2) a expansão urbana através da conurbação do centro com outras cidades adjacentes (como nos casos de conurbação que vai de Tóquio a Nagoia e daí a Osaca e a Kobe; e no caso clássico da “Boswash”, que engloba Boston, Providence, Hartford, Nova Iorque, Jersey City-Newark, Filadélfia-Camden, Baltimore e Washington, D.C.).

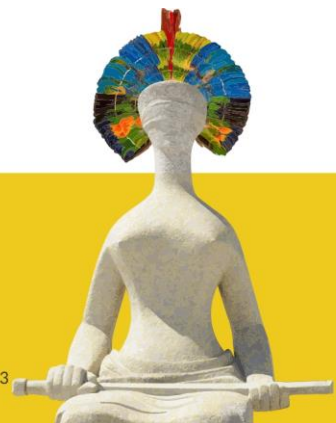
Outra sugestão importante é a de que a Cidade Global se relaciona em rede com outras. Assim, horizontalmente tem-se a especialização no interior da tríade global, com Tóquio comandando a venda de fluxos de capitais, Londres como centro de processamento de capital, através de sua rede de bancos construída no período imperial ao largo de todo o globo, e, finalmente, Nova Iorque como o centro receptor dos fluxos de capitais e concentradora de decisões financeiras (p. 327). Assim também deve-se supor que, verticalmente, o modelo de Cidade Global se difunde para instâncias mais abaixo na hierarquia.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



É o que ela caracteriza, logo no prefácio de outro livro dedicado ao assunto, *Cities in a World Economy* (2000, p. xiv), ao ampliar a lista de cidades globais. À tríade inicial, somam-se Paris, Frankfurt, Zürich, Amsterdam, Los Angeles, Sydney, Hong Kong, Bangkok, Seoul, Taipei, São Paulo, Cidade do México e Buenos Aires.

Mas... o que é mesmo a *Cidade Global*? Trata-se de uma realidade social determinada pela materialidade das relações no interior do capitalismo financeiro ou uma categoria construída através da noção de tipo ideal pela socióloga? Ou ambas?

Creio haver problemas de limitação no conceito de Cidade empregado pela autora que termina por, limitando o escopo de seu objeto de estudo, enfraquecendo a própria análise e tolhendo a possibilidade de ampliação do debate. Penso que isso se desdobra nos dois aspectos da tese central de *A Cidade Global*.

Começo pelo aspecto de análise urbana, e já me permitindo ser sumário uma vez que o aspecto urbano da Cidade foi por ela tratado de modo análogo. É verdade que há, na armação da análise de Sassen sobre a Cidade Global, uma preocupação de entender as dimensões sociais e urbanas da Cidade como relacionadas, ainda que ora de modo implícito (1991), ora de modo mais explicitado (2000). Por exemplo, num trecho do prefácio de *Cities in a World Economy*, há uma bela passagem em que Sassen, já citando Janet Abu-Lughod, comentou que não é possível estudar a Cidade apenas da perspectiva sociológica; ao passo que, de acordo com Manuel Castells, é impossível estudar a Cidade apenas da perspectiva urbana. Logo, conclui ela, as afirmações dos dois autores marcam “um espaço em branco que ela quer preencher, na sociologia urbana” (2000, p. xvi). Mas que não consegue!

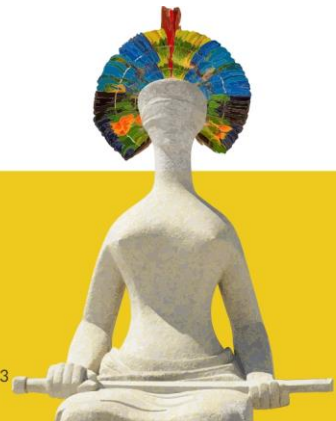
Um trabalho como o de Peter Hall, *Cidades do Amanhã* (2016), dá mais conta daquele espaço em branco. Ainda que não seja cientista social, ele consegue agregar reflexões sobre os aspectos sociais da Cidade ao construir uma narrativa sobre a evolução do saber urbanístico que a considera

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



como intrinsecamente relacionada à história social do século XX. Temas como o planejamento urbano virado de cabeça para baixo por conta dos interesses das incorporadoras e seus *lobbies* junto a órgãos reguladores municipais, infocidades e guetos “desinformais” em meio a novas formas de cortiços em pleno século XXI bem que corroborariam a descrição de uma “realidade social” em meio à Cidade Global.

Mas deixem-me voltar à análise urbana de Saskia Sassen. O problema começa já no enunciado da questão. À Cidade Global corresponde a forma concentrada e conurbada em linha. Eu simplesmente diria que o fenômeno da conurbação é mais uma questão demográfica do que decorrente do que ela descreve como efeito do “global” na cidade. Ou antes, a questão poderia ser melhor endereçada se posta no sentido de investigar a relação entre os dois fenômenos. Como a conurbação se faz sentir nas Cidades Globais de diferentes níveis hierárquicos? Por outro lado, como a concentração de capital financeiro e poder de decisão constitui diferentes conurbações? Supor que ambos fenômenos sejam facetas de uma mesma realidade, é só considerar o caso de modernização/modernidade do centro do sistema capitalista financeiro. Mas isso não se sustenta, haja vista que se sabe que não é de hoje que quem mais cresce (e se conurba) são as cidades do “Terceiro Mundo”. Mas, por que o problema tão evidente na análise? Porque não houve “análise”, no nível urbanístico, no trabalho de Sassen.

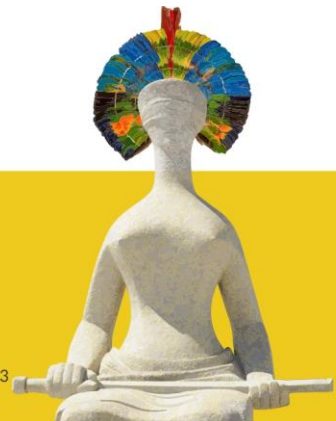
E por que? Porque ela reproduz uma visão apriorística de espaço que não se sustenta depois nem da fenomenologia de Gaston Bachelard (1974) nem da geografia cultural de Yi-Fu Tuan ([1977] 2008). Para Sassen, a questão espacial da Cidade Global se resume à materialidade do sítio onde ocorre a concentração de empresas de finanças e serviços. É muito pouco para dar conta da relação entre espacialidade e Cidade.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Mas o qualificador empregado acima para marcar a produção geográfica de Tuan é o ponto central que nos leva a um problema maior, e que vai fundo no âmago da própria análise sociológica da Cidade empreendida por Sassen: a cultura.

Ainda no texto de 1991, os capítulos que se seguem à “abertura” explicitam a ordem econômica das cidades globais, mas as partes destinadas a debater a ordem social daquelas se limitam a um estudo de economia política para considerar apenas as relações entre as cidades globais e os estados-nações. No texto de 2000, ainda no prefácio, ela fala de “cultura global”, mas nem delimita o que a expressão poderia sugerir nem articula esse problema aos fenômenos analisados ao longo do livro, de forma que eventuais leituras sobre a cultura nas cidades ficam à margem, negligenciadas.

Por exemplo, no item sobre como a nova geografia global das cidades engendrou novos centros e novas margens, Sassen (2000, p. 140) faz menção ao fato de que o discurso político de que as cidades viraram reservatório de desespero social, aliado à noção do discurso econômico hegemônico de que as cidades não precisam mais justificar um enraizamento geográfico de seus interesses, termina que “devalues cities at a time when they are major sites for new cultural politics”. A questão é instigante, mas só aparece no final e, logo, sem maiores desenvolvimentos para a reformulação do seu objeto de estudo; seja por não problematizar “sítio” seja por não considerar o lugar da cultura nas cidades globais.

A incapacidade de pensar o Sítio, o Espaço e a própria Cidade como categorias problemáticas decorre de uma concepção que Richard Smith (2007, p. 252) chamou de abordagem extrínseca da Cidade. Nessa, a Cidade continua sendo concebida como objeto passivo de forças tomadas como exteriores ao próprio objeto (nos próprios exemplos do autor: o Capitalismo, a globalização, etc.).

Numa literatura que se tem dedicado a estudar a relação entre a Cidade e a globalização, essa última veio a ser compreendida como “não apenas um fenômeno econômico, mas também social,



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

político, cultural e ambiental.” (Gross; Humbleton, 2007, p. 4). Ainda assim, um antropólogo como Peter Nas (2011, p. 7) afirma, que apesar da cidade poder ser estudada em suas dimensões morfológicas, demográficas, econômicas, socioculturais, administrativas e de planejamento, a dimensão cultural tem sido negligenciada pelos estudos acadêmicos.

Mas essas citações não corroborariam o fato de que, simplesmente, Sassen trata da Cidade apenas em seu aspecto econômico, uma vez que o seu objeto de estudo, sendo múltiplo, precisa, portanto, ser analisado por algum tipo de recorte? Mas não é o caso, posto que se fosse, ela abdicaria do caráter generalizante de seu discurso. Isso gera um duplo problema: de um lado, desautoriza a própria generalização das conclusões da autora, já que essa se baseia em poucos aspectos da realidade social; e, de outro, deslegitima as perspectivas que se propõem a estudar a globalização na cidade a partir de problemáticas culturais.

Vejam um exemplo de como a cultura é relacionada pela teoria subjacente à análise da Cidade Global em Sassen. Na retomada do tema da Cidade num texto mais recente, que, em verdade, muda o foco do estudo para a questão da relação entre a emergência da globalização e o desmonte do estado-nação, Sassen sugere que com o enfraquecimento da esfera nacional, as cidades aparecem como nova possibilidade de uma geografia política. Sim, o insight é muito promissor, não fosse a relutância deslavada em conceder espaço para o cultural nesse processo de nova emergência política, discernível sobretudo no uso das aspas. Assim, de acordo com Sassen (2006, p. 314):

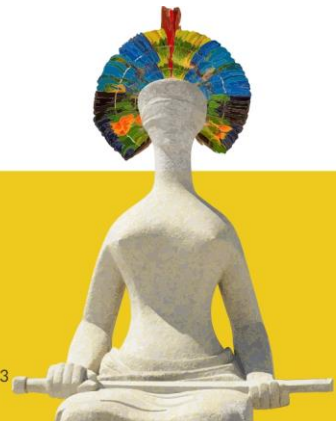
“A cidade grande de hoje emerge como sítio estratégico para esses novos tipos de operações. É um dos nexus onde a formação de novas reclamações se materializam e assumem formas concretas. Não necessariamente representa uma situação majoritária, mas, ao contrário, é um tipo de zona de fronteira para novas, ou talvez

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



meramente incipientes, formas do político, do econômico, do ‘cultural’ e do subjetivo”.

Porque a discriminação com o cultural, único recorte a ser marcado pelas aspas? Não é exatamente esse tipo de preconceito acadêmico, que impede que o debate de Sassen se expanda para problemáticas e soluções mais amplas? A ideia dela na passagem acima é muito instigante: diante do reconhecimento de que estamos testemunhando a desmontagem do estado-nação, fica a sugestão de que a cidade, para lá do sítio da concentração financeira global, é também o local em que os despossuídos ganham visibilidade. É como se, mantendo o sonho utópico da dialética da história, é no momento em que o capitalismo parece triunfar sobre o estado-nação que a cidade o expõe no seu momento mais vulnerável: antes de erigir por completo o estado plutocrático, num rasgo da história, a cidade volta a ser o campo do possível. Como ela afirmou, em sua conferência no Congresso da ALAS em Montevideo (2017): “A Cidade como um espaço onde aqueles despossuídos de poder se põem a fazer história.”

O que conduz o debate ao tema da luta pelo direito à Cidade. Mas, para falar de direito à cidade, era preciso perguntar se a Cidade pode vir a se constituir em sujeito político. Concordo com Sassen que a emergência da Cidade como novo sujeito político em pleno desmonte do nacional não significa um retorno ao pre-nacional. Não se trata de retomar o municipalismo medieval como modelo político. Esse terá que ser construído a partir da realidade global. Mas é a própria noção da Cidade como sujeito político que carece de uma análise cultural que conduza à problemática das diversas identificações e às (im) possibilidades de co-signações da/na arena política.

Como Sassen pode falar de um tal problema de estudo sem fazer uma análise crítica da cultura? No meu entender, não pode! Sassen não investiu nesse caminho, entrando em contradição,



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

uma vez que essa questão é incompatível com a leitura de que a Cidade Global é uma emergência a partir da noção de “sítio estratégico” (2006, p. 315).

A própria crença de que a cidade tivesse se tornado um mero ponto numa rede global se esvai quando retornamos ao exemplo da tríade em seu primeiro trabalho (1991). As divisões de trabalho entre Nova Iorque, Londres e Tóquio não se explicam apenas como decorrências de necessidades logísticas. Antes, desnudam uma hierarquização entre elas, tal como seu próprio texto se dá conta. Nova Iorque concentra o poder de decisão sobre os fluxos de capital a percorrer a rede global.

O que se evidencia é que, se por um lado a relação entre as três indicam a articulação financeira transatlântica e transpacífica, de outro o que fica subjacente é que: 1) a economia que emerge dessa teia “global” coincide com as economias entrelaçadas pelos Estados territoriais que definem o chamado G-7; e 2) como parte da rede, e ainda assim acima dela, Nova Iorque comanda essa ciranda financeira.

Mas, que significa, a essa altura, os termos “Nova Iorque”? Ao lembrarmos do debate feito por David Harvey (2003) sobre o conceito de cidade enquanto corpo político, perceberemos tampouco que não é toda Nova Iorque (sua comunidade civil, suas instituições políticas, etc.) que comanda a rede global. Se por corpo político soberano (algo diverso do que já foi a soberania antiga e mesmo medieval da cidade), entendemos a participação de uma comunidade cidadina nos processos de tomada de decisões na governança da cidade, não é Nova Iorque quem comanda a teia global.

A partir do debate de Harvey, ou o conceito de cidade se anula na análise de Sassen ou se reduz àquele sítio estratégico no sul da ilha de Manhattan, Wall Street...Não há *cidade* global situada em ponto na rede, a não ser que a rede forme imaginariamente a figura de uma pirâmide com Wall Street situada no ponto mais alto.

Mas há ainda um outro problema ainda em *Cidade Global*: a própria noção de *global*. Assim como o termo *Moderno*, tão exaltado durante o longo século XIX, teve que ser destrinchado pelo



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

pensamento social e pela crítica cultural ao longo do século XX (Le Goff, 1990), também o termo *global*, entusiasticamente evocado no *fin-de-siècle* entre o XX e o XXI, precisa ceder espaço a categorias melhor explicitadas.

Assim, do mesmo jeito que o *Moderno* foi desdobrado em *Modernização* (os processos econômicos), em *Modernidade* (os projetos civilizacionais) e em *Modernismo* (as formas culturais), não seria o caso de tomar também como lacunar a generalização que se faz em nome do *global* quando se toma apenas os processos econômicos da *globalização* para lhe dar escopo geral? Daí a insistência em estudar os aspectos culturais do global, algo que Andreas Huyssen (2014) já havia sugerido como *globalidade*.

Nesse sentido, não é hora também de pensarmos a ideia de *globalismo* como a expressão de projeto político? Ao assim melhor explicitarmos os termos, perceberemos que a emergência histórica do *global* no *fin-de-siècle* XX, para além de sua suposta universalidade, não passou da expressão cultural de um projeto globalista do G-7, encabeçado pelos Estados Unidos da América no contexto de sua vitória pós-Guerra Fria e pós queda da União Soviética.

Mas talvez só tivemos mais condições de perceber esse descolamento quando da ruptura no interior G-8, a partir de 2007, que, levando a Rússia a uma maior parceria em instâncias como a Organização de Cooperação de Xangai, ou o BRICS, terminou por fazer visível um outro projeto globalista, talvez mais multilateral e mesmo multipolar, o do Sul Global?

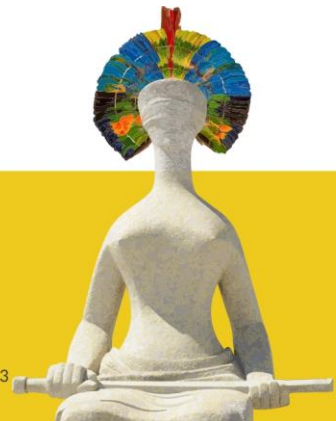
Não temos mais como nos equivocar com essas imagens de supostas imparcialidades econômicas agora que a guerra comercial e o retorno dos protecionismos, a imposição de sanções, os embargos comerciais, as retensões de navios em portos aparecem escancaradas em notícias, que ao menos nos guetos informacionais onde ainda sobrevivem, a duras penas, certas independências midiáticas...

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



III. CONCLUSÃO

O debate sobre o Futuro da Cidade como *front* no horizonte de expectativa da História

Sobretudo depois que o século XXI herdou dos dois anteriores os resultados de um vasto processo de urbanização, pode-se dizer que a sociedade global quase se confunde inteiramente com os espaços urbanos. Por isso pensar o futuro da sociedade é pensar também o futuro da Cidade.

Certa vez Carlos Fortuna (2009) evocou dois mitos que, atualizando-se através dos discursos engendrados pela modernidade, se transformaram em categorias, polarizadas, que servem para pensar a cidade: a idealização positiva da *Pólis* e a projeção negativa de Babel.

Esta última, retirada do imaginário judaico-cristão, e tendo adquirido a roupagem moderna dos discursos anti-urbanos de fins do século XVIII e de todo o século seguinte, aparece nas formulações utópicas de um Ebenezer Howard. É desse último que o urbanista Lewis Mumford recolhe a imagem terrível da colmeia humana no século XX, chamada por ele de Necrópole.

Se fôssemos contrapor a sociologia urbana de Sassen com as ponderações urbanísticas de Mumford, concluiríamos que a cidade global seria uma forma admiravelmente nova daquela colmeia: uma cidade sem cidadãos. Nesse sentido, como podemos ainda crer na utopia da imagem da cidade como campo do possível na História?

Mas é em Carlos Fortuna (2009, p. 84) que encontramos essa ideia importante para distinguirmos uma coisa da outra. Falando no tema do anúncio do “fim” da cidade na literatura especializada, ele afirmou que: “o que está a desaparecer não é a cidade em si, mas um determinado modelo histórico de cidade”.

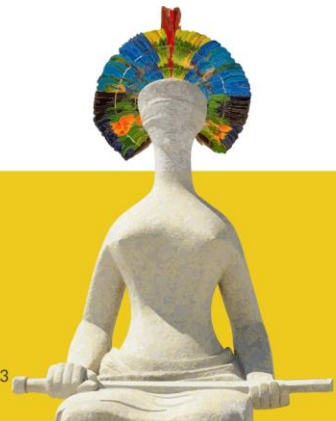
Nesse sentido, como foi preciso que a cidade antiga ruísse, no longo processo que levou do século III ao X, para que a cidade [ocidental] moderna surgisse, esta última terá que ser derrubada

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



para que possamos voltar a sonhar o sonho de vivermos um novo projeto de cidade. E se foi a lenta dissolução das condições históricas do escravismo antigo a ruína da cidade antiga, será preciso, então, a destruição do capitalismo para engendrarmos uma nova cidade.

E o problema consiste no fato de que hoje não dispomos do tempo que os medievais tiveram.

Desde que a sociedade global tem sido estabelecida sobre valores e práticas consusmistas, engendradas pelas relações capitalistas, com suas obsolescências programadas e esgotamentos dos recursos naturais do planeta, o tempo presente parece que se dilatou. Finda a Guerra Fria, o capitalismo vitorioso possibilitou o descarte dos sonhos utópicos, tornando os futuros, projetados em imagens de progresso, em futuros passados.

À vertigem de um presente dilatado e incessante somou-se a nauseante necessidade nostálgica por passados que alimentassem nossas fantasias de procedências históricas e perenidades culturais. O *fin-de-siècle* XX foi marcado pelo *boom* dos museus e sua respectiva monumentalização dos passados presentes (Huysen, 2000). Da obsolescência da vida econômica para a pós-vida como monumento, os objetos viraram índice de nossas angústias diante da inevitável aceleração do tempo.

Foi aí, então, que o futuro retornou; mas como recalque. Agora, já não mais como sonho de progresso; mas como medo da finitude. Não mais o tempo de um futuro distante e perene, como nos projetos teleológicos da modernidade ocidental; mas como vórtice iminente a nos sugar para os lugares das incertezas e das ausências de garantias históricas.

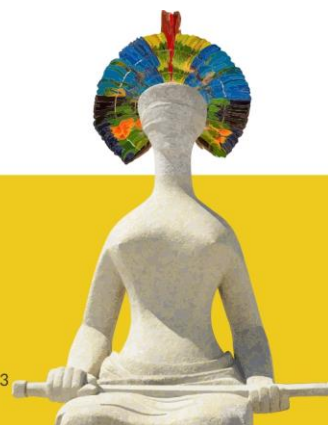
No dizer de Débora Danowski e Viveiros de Castro (2014, pp. 29 e 31, respectivamente): “[...] quando as escalas da finitude coletiva e da finitude individual entram em uma trajetória de convergência [...]” é que parece que tomamos consciência da “[...] enorme distância entre conhecimento científico e impotência política, isto é, entre nossa capacidade (científica) de imaginar o fim do mundo e nossa incapacidade (política) de imaginar o fim do capitalismo.”

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Se é para o futuro que nossas angústias presentes nos forçam a olhar, é igualmente de elementos futuros feitos presentes que poderemos esperar sobreviver ao porvir. Que fique bem claro que não estamos propondo adivinhações sobre um futuro impalpável; antes, referimo-nos a um olhar atento, espectante, voltado para a frente, para o defronte no tempo, a fim de perscrutar quaisquer elementos que nos indiquem como reconstruir o presente. Falamos não de um futuro concebido como alheio a nós, conjuntos de objetos ainda sem ser; mas, ao contrário, queremos dizer, por futuro, tudo aquilo que seja possível vir a ser presente. Assim entendemos o prospectar.

A imagem do *front*, o conceito chave mesmo para compreendermos os objetos de estudo da observação/prospecção proposta a partir deste lugar de fala, deve ser entendida, portanto, como coincidindo com a noção de horizonte de expectativa, tal qual na reflexão teórica sobre o tempo histórico em Reinhart Koselleck (2006). Para ele, a expectativa pelo porvir se traduz em um olhar para o horizonte. Linha distante, e que, ainda assim, está sempre se renovando, não obstante nosso movimento ou o movimento do tempo, o horizonte se torna figura emblemática para compreendermos essa relação dialética que temos com o futuro.

A relação com o passado se constitui a partir da noção de experiência. Mas o conjunto dessas, ao se relacionar em feixes, pela memória incessante, dispõe nossa relação com o passado como que através da metáfora do espaço. O conjunto de experiências emerge nas nossas consciências como um campo, um espaço de referências construídas continuamente. Porém, a expectativa pelo porvir ainda não se configurou em espaço. É apenas espacialidade possível, ainda por vir, se configurando apenas como linha no horizonte.

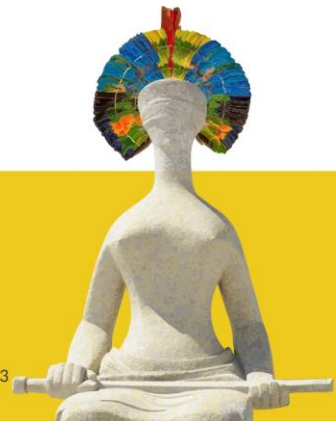
Mas há uma relação dialética entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. Assim, afirma Koselleck (2006, p. 312):

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



“Quem acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência, está errado. Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição. Mas quem não baseia suas expectativas na experiência também se equivoca. Poderia ter-se informado melhor.”

É da tensão entre esses elementos que emerge e se estrutura o tempo histórico. É da necessidade de não encerrar a experiência em uma clausura passada, abrindo-a ao presente, que o espaço de experiência se expande, e se dilata em linha de horizonte. Do mesmo modo, é como possibilidade de vir a ser que o horizonte de expectativa, tornando-se presente, entra para o campo do espaço da experiência.

O *front* constitui-se nesse terreno borrado, sem bordas nítidas e definitivas, oscilante pela passagem constante do tempo, em que linha de horizonte se torna campo, espaço; ao mesmo que tempo que, continuamente, faz recuar à frente a linha de novos horizontes. O *front* é onde a expectativa do porvir dialoga com a experiência do vivido. É na cartografia incerta desse terreno imaginário que devemos prospectar os elementos de mundo que nos ajudarão a seguir sonhando a existência terrena, societal e histórica.

É nesse sentido que começamos a perceber os limites da nossa temporalidade futura como relativa a um horizonte de expectativa ocidental. Horizonte de expectativa que, através do próprio desenlace da evolução da modernidade ocidental, terminou por se distanciar de seu par categórico, o espaço de experiência. Assim, nosso horizonte de expectativa ocidental tem-se tornado cada vez mais insuficiente para solucionar os problemas que nossa própria civilização nos impõe, como o impasse entre, de um lado, o capitalismo, e, de outro, o colapso ambiental.

Mais do que nunca, é preciso pensar como o Marco Polo das cidades invisíveis.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

REFERÊNCIAS

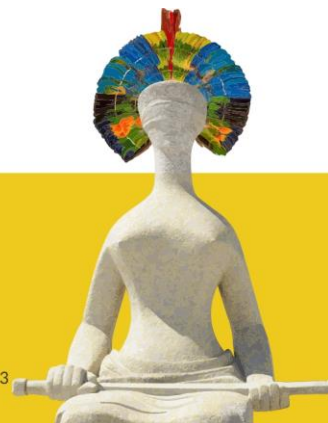
- BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ed. Abril, 1974.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CHOMSKY, Noam. **Requiem for the American Dream**. New York: Seven Stories Press, 2017.
- DANOWSKI, Débora; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Desterro/Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.
- FORTUNA, Carlos. "Cidade e Urbanidade" in: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (orgs.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra, Edições Almedina, 2009.
- GROSS, Jill Simone; HUMBLETON, Robin. **Governing Cities in a Global Era. Urban Innovation, Competition and Democratic Reform**. New York: Palgrave MacMillian, 2007.
- HALL, Peter. **Cidades do Amanhã**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- HARVEY, David. "The City as a Body Politic" in: SCHNEIDER, Jane; SUSSER, Ida (org.). **Wounded Cities. Destruction and Reconstruction in a Globalized World**. Oxford/New York: Beng, 2003.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- _____. "Geografias do modernismo em um mundo globalizante" in _____. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto / Museu de Arte do Rio, 2014.
- JAMESON, Fredric. "culture and finance capital" in: JAMESON, FREDRIC. **The Cultural turn: selected writings on the postmodern**. London: Verso, 1998.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. da PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NAS, Peter J. M. (ed.) **Cities full of Symbols. A theory of Urban Space and Culture**. Leiden: Leiden University Press, 2011.
- SASSEN, Saskia. **The Global City: New York, London, Tokyo**. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- _____. **Cities in a World Economy**. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 2000.
- _____. **Territory, Authority, Rights: from Medieval to Global Assemblages**. Princeton: Princeton University Press, 2006.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



_____. "Expulsiones Sociales, Brutalidad y Complejidad en la Sociedad". Conferência in: XXXI Congreso Asociación Latinoamericana de Sociología – ALAS, Montevideo, 2017. Disponível no sítio eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=kzzaSnbdXto> (visualizado em 27/07/2019).

SMITH, Richard. "Poststructuralism, power and the global city" in: TAYLOR, Peter J.; DERRUDER, Ben; SNEY, Pieter; WITLOX, Frank (eds.). **Cities in Globalization. Practices, policies and theories**. London/New York: Routledge, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Space and Place. The Perspective of Experience**. [1977] Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

